

IMIGRANTES BOLIVIANOS NO BRASIL: UM REFLEXO DA PLURALIDADE CULTURAL E LINGÜÍSTICA BOLIVIANA EM SÃO PAULO

INMIGRANTES BOLIVIANOS EN BRASIL: UN REFLEJO DE LA PLURALIDAD CULTURAL Y LINGÜÍSTICA BOLIVIANA EN SÃO PAULO

Sidney Souza Silva³²

Heloísa Augusta Brito de Mello³³

RESUMO: Este artigo apresenta aspectos sociolinguísticos de um grupo de imigrantes bolivianos residentes na cidade de São Paulo-SP, Brasil. Como referencial teórico, nos baseamos nos pressupostos da sociolinguística postulados por Blommaert (2010), Blommaert e Dong (2013) e Blommaert e Maly (2014), assim como nos estudos populacionais que compreendem os fluxos migratórios contemporâneos e a constituição da territorialidade de imigrantes (HAESBAERT, 2001, 2007; MARANDOLA e DAL GALLO, 2010). Os resultados apresentados sugerem a constituição de um contexto multilíngue (aimará, espanhol, português e quéchua) composto por esses imigrantes bolivianos que, apesar de residirem no Brasil, mantêm fortes vínculos com a Bolívia, bem como com as suas línguas originárias, tal como as suas culturas e tradições, o que reproduz em terras brasileiras parte do Estado Plurinacional da Bolívia.

PALAVRAS-CHAVE: imigração; imigrantes bolivianos; territorialidade; multilinguismo.

RESUMEN: Este artículo presenta aspectos sociolingüísticos de un grupo de inmigrantes bolivianos residentes en la ciudad de São Paulo-SP, Brasil. Como referencial teórico nos basamos en los presupuestos de la sociolingüística postulados por Blommaert (2010), Blommaert y Dong (2013) y Blommaert y Maly (2014), así como en los estudios poblacionales que comprenden los flujos migratorios contemporáneos y la constitución de la territorialidad de inmigrantes (HAESBAERT, 2001, 2007; MARANDOLA y DAL GALLO, 2010). Los resultados sugieren la creación de un contexto multilingüe (aimara, español, portugués y quechua) compuesta de estos inmigrantes bolivianos que, aunque residen en Brasil, tienen fuertes lazos con Bolivia, así como con

³² Doutor em Letras e Linguísticas pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Ensino Básico Técnico Tecnológico do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Hidrolândia. E-mail: sidney.silva@ifgoiano.edu.br.

³³ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada da Universidade Federal de Goiás. E-mail: heloisabritomello@gmail.com.

sus idiomas originales bien como sus culturas y tradiciones, lo que reproduce en tierras brasileñas parte del Estado Plurinacional de Bolivia.

PALABRAS-CLAVE: inmigración; inmigrantes bolivianos; territorialidad; multilingüismo.

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da modernidade, a abertura de fronteiras e a reconfiguração do mercado econômico com base na dinâmica da globalização, houve uma rearticulação dos conceitos de espaço, tempo e capital que resultou numa considerável aceleração da dispersão de pessoas ao redor do mundo, intensificando os processos migratórios e, conseqüentemente, o deslocamento dos indivíduos dos seus lugares de origem. Nas palavras de Ortiz (2008, p. 25), “a modernidade rompe as barreiras fronteiriças das estruturas sociais, impulsionando a mobilidade de pessoas, ideias e mercadorias [...] desenraizando os indivíduos de suas localidades”.

É nesse macrocontexto de um mundo amplamente globalizado e marcado pelas migrações em massas que este artigo apresenta, sob a perspectiva da sociolinguística, um grupo de imigrantes bolivianos residentes na cidade de São Paulo, local onde se concentra um grande contingente oriundo da Bolívia. O objetivo do estudo é compreender os usos das línguas que perfazem aquele contexto sociolinguístico no que diz respeito ao contato entre línguas e à condição de multilinguismo peculiar à comunidade.

Este artigo é parte de uma pesquisa qualitativa maior apoiada em uma metodologia de natureza etnográfica³⁴. Assim, os registros de dados foram feitos

³⁴ Trata-se de uma tese de doutorado em Letras e Linguística (SILVA, 2017). É importante destacar que o projeto de pesquisa, com especificação das atividades de pesquisa de campo, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG) e devidamente aprovado. As entrevistas, quando registradas, foram feitas mediante explicação e o prévio consentimento dos participantes após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como o devido esclarecimento de que se tratava de participação voluntária e de que as suas identidades seriam preservadas. Nesse sentido, todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios.

prioritariamente por meio de observações em campo, anotações e fotografias do contexto, entrevistas e aplicação de questionários. Também foi utilizada a técnica da bola de neve (MARGOLIS, 1994), para compor o grupo de participantes.

Partindo do pressuposto de que a Bolívia é um Estado Plurinacional, passamos a discorrer, a título de contextualização, a respeito da diversidade linguística e cultural oriundo daquele país em situações de imigração em território brasileiro, haja vista que se estima que o contexto imigratório boliviano no Brasil, mais, especificamente em São Paulo, reflete a pluralidade de línguas e culturas presentes na Bolívia.

2. A BOLÍVIA COMO UM ESTADO PLURINACIONAL

A Bolívia pode ser considerada como um país representativo no que diz respeito ao multiculturalismo, em virtude da sua grande diversidade cultural e linguística. A população boliviana, estimada em quase onze milhões de habitantes, é multiétnica, composta por diferentes povos ameríndios, europeus e seus descendentes, assim como africanos e asiáticos. De acordo com a Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, vigente desde fevereiro de 2009 e publicada na *Gaceta Oficial del Estado Plurinacional de Bolivia* – órgão oficial destinado a registrar as leis e normas do Poder Executivo, em 22 de janeiro de 2009 foi promulgada a Nova Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, que declara a Bolívia um Estado plurinacional e finda a antiga República Boliviana.

De acordo com Feldman (2008), o texto surge, especialmente, a partir do governo de Evo Morales, da etnia aimará, com o intuito de garantir a participação igualitária das nações originárias e demais povos indígenas nas questões nacionais. Ao instituir um Estado plurinacional e intercultural, o texto reconhece regimes diferenciados de justiça, autoridade, conhecimento e propriedade das comunidades indígenas, que passam a ser legitimadas ou reconhecidas como nações. Essas

instituições próprias passam a coexistir com direitos previstos na Nova Constituição, em regime de complementaridade. De acordo com essa nova concepção de Estado, um julgamento realizado em uma comunidade indígena por um conselho comunitário é soberano. No entanto, a nova constituição procura ressaltar que embora exista essa autonomia, não pode haver penalidades severas como a pena de morte – algo peculiar nas concepções e leis de algumas nações indígenas bolivianas – posto que isso infrinja o texto constitucional. A principal premissa da Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia visa, sobretudo, defender os direitos da população de origem indígena, que representa dois terços da população da Bolívia – 10.389.913 habitantes, segundo o Censo de Población y Viviendas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2011).

Ao todo, 36 etnias compõem o povo boliviano, dentre as quais as mais representativas são as que compõem as nações aimará e quéchua. Portanto, as inovações da plurinacionalidade traduzem-se em autonomia com o intuito de atender as reivindicações das nações indígenas. As autonomias concedidas pela Nova Constituição são: departamental, regional, municipal e indígena. Portanto, a reafirmação da Bolívia como um Estado pluricultural, multinacional e democrático pressupõe a pluralidade e o suposto diálogo entre culturas (FELDMAN, 2008; MIRANDA, 2008; PIMENTEL, 2009; MONTOYA ROJAS, 2008). Nestes termos, o Estado plurinacional comporta as diversas nações indígenas do país, respeitando os seus direitos e tradições, assim como as suas particularidades, sobretudo linguísticas e culturais.

Nesse sentido, de acordo com a Constituição de Políticas do Estado, o país reconhece como idiomas oficiais, além do espanhol, todos aqueles das nações e povos indígenas: aimará, araona, baure, bésiro, canichana, cavineño, cayubaba, chácobo, chimán, ese ejja, guaraní, guarasuawe, guarayu, itonama, leco, machajuyai-kallawaya, machineri, maropa, mojeño-trinitario, mojeño-ignaciano, moré, mosetén, movima, pacawara, puquina, quéchua, sirionó, tacana, tapiete, toromona, uruchipaya, weenhayek, yaminawa, yuki, yuracaré e zamuco (GACETA OFICIAL DEL ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA).

O governo plurinacional boliviano e os governos dos departamentos devem utilizar pelo menos duas línguas oficiais, uma delas o espanhol; a outra deve ser decidida levando-se em consideração o uso e a conveniência, as circunstâncias, as necessidades e preferências da população em sua totalidade ou do território em questão. Das línguas das nações indígenas nativas bolivianas, as mais faladas e bastante comuns são o aimará e o quéchua. O fato de a Bolívia reconhecer 37 línguas como oficiais faz dela um dos países com o maior número de línguas declaradas como oficiais do mundo.

3. A MIGRAÇÃO COMO UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE DIÁSPORAS

A migração é um fenômeno que abrange os “deslocamentos de pessoas que têm como intenção uma mudança de residência desde o seu lugar de origem até outro lugar de destino, atravessando algum limite geográfico que, geralmente, é uma divisão político-administrativa” (RUIZ GARCÍA, 2002, p. 19). A migração envolve, pois, um deslocamento geográfico, quer seja no interior de uma nação ou atravessando fronteiras nacionais.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (NACIONES UNIDAS, 1972), o traslado migratório constitui uma emigração em relação à região de origem do indivíduo e uma imigração em relação ao local de destino. Nesse sentido, o indivíduo que realiza tal ação é denominado migrante, havendo uma dupla identificação, visto que, por um lado, é um emigrante em relação ao seu lugar de origem e, por outro, um imigrante em relação ao seu lugar de destino. Desse modo, a imigração é um processo duplo. Os imigrantes constituem uma categoria de emigrantes, assim, são “de lá” e se tornam uma categoria de imigrantes “aqui” (SAYAD, 1998).

Um dos resultados da migração massiva de indivíduos de uma mesma região que tomam um mesmo local como destino está ligado ao que se compreende

como diáspora. Segundo Ling (2011), diáspora diz respeito a um grupo que, mesmo distante do seu país de origem, procura manter certa homogeneidade étnica, linguística e cultural. Assim, o grupo apega-se aos seus valores e faz sacrifícios para mantê-los. Em alguns casos, os membros do grupo precisam empreender um esforço descomunal para continuar existindo segundo os valores que fazem sentido à sua existência. Para tanto, é preciso manter os seus laços e vínculos, tanto sociais quanto familiares. Haesbaert (2001, p. 1773) mostra que se podem considerar formações de diáspora quando,

primeiro, têm origem em fenômenos drásticos de expulsão ou crises muito agudas, sejam elas de ordem política, cultural ou mesmo, mas nunca exclusivamente, econômica; segundo, promovem laços muito intensos de relacionamento entre os migrantes, tanto com a área de origem como entre as áreas de migração em diferentes pontos do globo; o que mantém esta coesão é, principalmente, uma forte identidade étnica ou nacional; e, terceiro, manifestam uma densa rede de relações econômicas e culturais que repercute numa rica vida associativa interna à rede da diáspora, cuja duração se estende por várias gerações.

Haesbaert (2001) assevera que as redes de migração que compõem diásporas representam um processo de territorialização. Isso se dá porque, ao se analisar esses territórios, é possível notar que os migrantes acabam envolvidos em uma teia de relações mantida e, assim, garantida pelo grupo. Dessa forma, por mais que estejam em locais bastante distantes, os migrantes acabam se sentido “em casa”. A reinvenção do “lar” dentro de uma diáspora – estruturada internacionalmente, em alguns casos – é uma característica da complexidade com que as novas territorialidades vão se desdobrando em um mundo global e fragmentado.

De acordo com Ling (2011), numa situação de diáspora as identidades podem ser múltiplas, quer sejam nacionais ou étnicas. No que diz respeito à identidade étnica, os laços ligam os migrantes, simultaneamente, à terra de origem e a outros migrantes na sua própria localidade. Para Haesbaert (2001, p. 1774), os migrantes em diáspora compartilham uma experiência multiterritorial no mundo

contemporâneo, o que inclui territórios com forte carga simbólica, algo “característico destes tempos ‘pós-modernos’, imersos no mundo da produção de imagens e simulacros”.

Nos tempos de globalização, por meio dos meios de comunicação técnico-informacionais, os migrantes em diáspora podem fortalecer os seus laços à distância, tanto com o seu país de origem quanto com os migrantes da sua origem/etnia comum em diversas partes do planeta. Portanto, Haesbaert (2001, p. 1774) afirma que eles têm “uma experiência multipolar, difusa pelos quatro cantos do mundo”. No entanto, grande parte desses migrantes pode vivenciar uma territorialidade multiescalar, visto que participam de fortes relações com o seu bairro ou localidade – exemplos disso são as *Chinatown*s ou *Koreatown*s –, assim como com o seu país de procedência, que geralmente é o seu espaço de referência identitária.

Além disso, podem participar também da diáspora na escala internacional em que esta se expande. Desse modo, dentre outras naturezas, a territorialização de imigrantes pode apresentar uma multiterritorialidade construída por grupos que se territorializam na conexão dos fluxos dos seus territórios-rede que compõem diásporas (HAESBAERT, 2007).

4. A COMPOSIÇÃO DE TERRITÓRIOS DE IMIGRANTES

Nos locais onde se instalam, os imigrantes podem desenvolver por eles mesmos um território identitário, regido por suas próprias regras e sob o seu controle e comando. De acordo com Marandola Junior e Dal Gallo (2010, p. 413), “seus lugares são construídos pelos e para os migrantes a partir de seus aspectos socioculturais”.

Nesse sentido, a rede social constituída entre pares pode servir como uma forma de cooperação entre os seus integrantes. A partir da origem comum como primeiro elemento, essa rede pode ter como base outros elementos, como amizade, vizinhança, parentesco ou trabalho em comum. Portanto, a reciprocidade viabiliza a

troca de capital social entre os seus membros. Essas relações entre pares, além de promover o encontro entre indivíduos que compartilham a mesma cultura, língua e cosmovisão, promovem também o encontro da cosmovisão do migrante com o imaginário local, o que pode gerar a recriação de símbolos identitários que fazem parte da sua etnicidade.

O surgimento dessas redes sociais pode, com isso, favorecer uma relativa coesão entre os membros do grupo de imigrantes marcada pelo sentimento de pertencimento e contribuir para que esses indivíduos possam suportar as dificuldades de inserção e adaptação encontradas no local de destino. Tais redes funcionam como uma estratégia para a sobrevivência e a sustentabilidade dos imigrantes, dado que, no contexto de imigração, representam o seu referencial identitário e um meio importante, quando não a única possibilidade, de orientação para o seu envolvimento e desenvolvimento no país de acolhimento.

Desse modo, as redes sociais dos imigrantes podem estar correlacionadas, geralmente, a lugares bastante específicos onde os seus grupos podem se encontrar e conservar as suas práticas comuns relativas à cultura de origem e, dessa forma, constituir a sua territorialidade e manter ativa a sua etnicidade. Esses grupos podem manter pouca relação com o sistema local e, dessa forma, constituir um lugar marginalizado ou pouco frequentado pelos membros da sociedade de acolhimento, o que em muitos casos resulta na separação entre imigrantes e locais. Portanto, a separação nem sempre é monolítica, pois ambos os grupos mantêm entre si os lugares marcados pela permeabilidade entre os territórios e os grupos e os seus territórios próprios.

Os migrantes procuram recriar no local de destino parte do território que deixaram para trás. Para atingir esse objetivo, podem passar a reproduzir elementos da organização socioespacial do seu antigo território. Dessa forma, procuram restabelecer a sua identificação territorial estimulando o sentimento de pertença, de modo que possam reconstituir os elos com o grupo-território. A partir daí, tornam-se capazes de se enraizar e dar fundamento às suas identidades.

Os migrantes que passam a construir as suas próprias territorialidades constituem pequenos mundos próprios nos quais são compartilhados lugares, paisagens, signos e símbolos. Esses territórios migrantes são, na realidade, verdadeiros microcosmos. Nessas existências espaciais coletivas, “o grupo pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante por partilhar uma mesma cultura e um determinado estilo/modo de vida” (MARANDOLA JUNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 415).

5. TERRITÓRIOS E EVENTOS BOLIVIANOS EM SÃO PAULO

Segundo matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo* (PELA 1ª VEZ..., 2013), a quantidade de imigrantes bolivianos ultrapassou a de japoneses e italianos, tornando-se a segunda maior comunidade de imigrantes na cidade, atrás apenas dos portugueses. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou 18,8 mil bolivianos com mais de dezesseis anos de residência na cidade em 2010. No entanto, estima-se que o número seja bem maior, uma vez que, os imigrantes sem documentos não respondem ao questionário do censo.

Vários estudos que tratam da imigração boliviana nessa cidade (SILVA, S., 1997, 2003, 2005; SOUCHAUD, 2011, 2012; XAVIER, 2012) mostram essa dificuldade de precisar o número de imigrantes a residir na região metropolitana de São Paulo, tendo em vista o contingente que não possui documentação de residência e, portanto, não responde ao censo do IBGE. Todavia, todos esses estudos sinalizam o crescente aumento dessa população de imigrantes. De acordo com estimativas do Consulado Geral da Bolívia em São Paulo (TEODORO, 2013), há uma média de 350 mil bolivianos residindo na região metropolitana – número esse que tende a aumentar, haja vista a constante chegada de novos imigrantes à capital paulista. Portanto, é impossível definir o número exato de imigrantes bolivianos residentes no Brasil, especialmente em São Paulo.

Devido ao aumento da população boliviana em São Paulo, em 2002 a prefeitura concedeu um espaço no Canindé para que os imigrantes pudessem realizar os seus encontros aos domingos – foi assim que passaram a realizar uma feira semanalmente naquele espaço (SILVA, S., 2003). Esse lugar foi denominado pelos bolivianos de Praça Kantuta. Em 2003, a feira foi oficializada por meio de uma portaria publicada no *Diário Oficial*. O nome escolhido para a praça e reconhecido oficialmente, Kantuta, é originário do quéchua para se referir a uma flor que cresce no Altiplano Andino, cujas cores são: vermelha, amarela e verde – as cores da bandeira da Bolívia.

A prefeitura deu esse agrado para a comunidade boliviana e colocou o nome de Praça Kantuta aqui em São Paulo. Mas o nome Kantuta veio de uma flor, uma flor típica boliviana que tem as cores da bandeira da Bolívia. Então ela é bem representativa. [...] é um símbolo pátrio, né? É um símbolo pátrio mesmo, já que tem as cores, tipo uma bandeira, você vê a tua bandeira brasileira, a gente pode ver a flor kantuta e também tá enxergando a nossa bandeira, porque é um símbolo pátrio mesmo. É bem representativo pra colônia boliviana, a flor kantuta é [...] e como só tem lá na Bolívia também, então a gente tem o maior carinho por essa flor. (Alejandro, 36 anos, dono de oficina de costura – Entrevista 20).

A Praça Kantuta tornou-se o principal ponto de encontro da comunidade boliviana em São Paulo. Eles vão ali para encontrar os seus compatriotas, divertir-se e, mesmo distantes do seu país de origem, ter à mão alguns elementos da sua cultura – quer simbólicos por meio das manifestações culturais, quer materiais por meio de itens que podem ser encontrados e comprados ali, bem como da diversidade de comidas típicas.

Eu venho pra encontrar amigos e também pra relembrar algumas comidas típicas do meu país, né? [...]. A Praça Kantuta eu creio que é uma conquista de uma comunidade que queria um local, um lugar pra poder reunir com os amigos ou com a família. (Mateo, 36 anos, sócio-proprietário de uma oficina de costura – Entrevista 52).

Então é um ponto de encontro, pra se encontrar, comer as comidas típicas de lá, né? Acho legal por isso, né? Tem um pouquinho, um pouco da variedade da Bolívia. [...] é legal porque vêm várias pessoas também, tem produtos bolivianos mesmos, então não só as comidas, mas também tem os cereais, os trigos, todas essas coisas, o tipo de pão, né? (Lorena, 19 anos, recepcionista – Entrevista 3).

Realizadas todos os domingos, a feira oferece aos visitantes barracas com artesanato andino – com destaque para o *aguayo* (tecido típico do Altiplano Andino, multicolorido em forma de listras) –, doces, pães, bolos, uma diversidade de cereais, tipos de milho e batatas (especialmente o *chuño*),³⁵ bebidas tradicionais como a cerveja *paceña*, a *chicha* (bebida fermentada à base de milho e outros cereais, produzida pelos povos andinos desde a época do Império Inca), a *chicha de maní* (refresco de amendoim), o *mocochinchi* (bebida preparada com pêssegos desidratados) e o refrigerante Inca Cola, além de pratos típicos como as sopas de amendoim e quinoa, o fricassê, o *chicharrón*, a *sajta* e as *salteñas*.

Além da gastronomia, há serviços como cabeleireiros, envio de remessas para o exterior e cartões para ligações internacionais. Frequentemente são realizadas apresentações de danças tradicionais bolivianas (Figura 1), assim como campeonatos de futsal na quadra localizada no centro da praça. As manifestações culturais ocorrem especialmente em importantes datas do calendário da Bolívia, como a Festa das Alasitas, comemorada no dia 24 de janeiro, o carnaval que coincide com o carnaval brasileiro, o Dia das Mães e o Dia das Crianças.

[...] na Praça Kantuta sempre tem ensaio, tem apresentações dos grupos, porque é praticamente um ponto, um pedacinho da Bolívia aqui em São Paulo, Brasil, porque a gente conseguiu trazer tudo isso pro povo brasileiro também pra todo mundo ver que a Bolívia tem esse tipo de cultura, não só comidas típicas, mas também danças típicas, músicas folclóricas é super representativa mesmo, em todos os aspectos. (Alejandro, 36 anos, dono de oficina de costura – Entrevista 20).

³⁵ *Ch'uñu* em aimará ou quéchua significa batata processada e refere-se à batata desidratada. A fabricação do *chuño* é uma forma tradicional de conservar e armazenar a batata durante longos períodos, às vezes até anos. É um dos elementos mais importantes da alimentação e da gastronomia indígena altiplana da Bolívia e do Peru.

Figura 1 - Manifestação cultural na Praça Kantuta



Foto: SILVA (2017).

É importante destacar que, a comunidade de imigrantes bolivianos em São Paulo não se encontra dispersa, mas sim, ligada a territórios bolivianos específicos na cidade. Esses novos contextos surgem, sobretudo, em decorrência do constante aumento dessa população na capital paulista. No entanto, este estudo limita-se a apresentar a Praça Kantuta, pelo fato de ser o território-identitário que está mais intrinsecamente ligado à comunidade boliviana em São Paulo.

Segundo Blommaert e Dong (2013), os territórios sempre pertencem a alguém, de modo que são repletos de normas e expectativas, o que envolve valores culturais e o uso da(s) língua(s). Portanto, faz sentido compreender os usos das línguas em relação a territórios específicos que perfazem a territorialidade dos imigrantes, na medida em que os territórios estão ligados à essência desses indivíduos, constituindo um meio de permitir a continuação da sua existência. A territorialidade está ligada, pois, à forma como os indivíduos se organizam no espaço e dão sentido ao lugar (HAESBAERT, 2007).

Tratando-se especificamente de grupos de imigrantes, Marandola Junior e Dal Gallo (2010) destacam que para se sentir radicados, os imigrantes passam a construir os seus próprios lugares, ou seja, territórios migrantes que se configuram

como fundamento das redes sociais estabelecidas por eles. Por isso, locais como a Praça Kantuta são exemplos da constituição de territórios bolivianos em São Paulo. Em primeira instância, esses locais parecem ser unicamente formas de manutenção cultural, ou seja, um modo de os imigrantes manterem a sua essência, mas a sua dinâmica mostra uma dimensão que vai além do espaço físico – além de ter um valor cultural para os imigrantes, exercem poder sobre os indivíduos que ali circulam, uma vez que, estão diretamente ligados a toda a dinâmica que os mantém na cidade.

No caso da imigração boliviana em São Paulo, esses territórios são pontos de ligação dos fluxos migratórios, de modo que se tornam meios de manter as redes sociais constituídas entre os imigrantes e de estimular a cooperação entre eles, embora se torne também uma forma de exploração de mão de obra. Tais territórios apresentam-se também como um meio de reciprocidade, que viabiliza a troca de capital social entre os bolivianos. A Praça Kantuta, em específico, surge como um território boliviano que propicia a relação entre os pares, onde estes se encontram e compartilham os mesmos valores culturais e línguas de origem.

Em um espaço como este, os imigrantes bolivianos compartilham o sentimento de pertença, o que constitui uma forma de suportar as dificuldades de inserção e de adaptação à cidade de São Paulo. Isso é expresso por Abelardo, que se sentia mal no contexto paulistano e para quem a ida à Praça Kantuta foi um subterfúgio para aguentar as dificuldades impostas pela distância da sua cultura.

[...] llegué aquí, me sentí un poco mal, cuando ultimo, un día me llevó mi hermana en la Plaza Kantuta, donde que los bolivianos se encuentran, donde hay comida típica de todo de Bolivia, ¿no? Me llevó y ahí me sentí bien, ver a mis compatriotas por lo menos con ellos voy a hablar, porque con brasileiros no podía hablar, no sabía lengua, no sabía que decir nada [...]. (Abelardo, 27 años, técnico em informática – Entrevista 10).

Portanto, a Praça Kantuta define-se como um território identitário para a comunidade boliviana em São Paulo, tendo passado a ser um dos lugares onde os

imigrantes se encontram e compartilham os mesmos valores. A denominação daquele espaço como Praça Kantuta é o primeiro indício do seu reconhecimento, até mesmo por parte dos membros externos, como território boliviano em São Paulo, uma vez que a própria prefeitura registrou essa denominação para o local. Um território de imigrantes como este pode ser muitas vezes dominado pelas suas próprias regras – exemplo disso é o seu uso por donos de oficina para subcontratar mão de obra de compatriotas, infringindo a legislação trabalhista brasileira.

A existência de territórios bolivianos em São Paulo é confirmada pela paisagem linguística desses locais. Segundo Blommaert (2010) e Blommaert e Maly (2014), nas paisagens linguísticas é possível notar mostras da linguagem escrita, por meio de placas, letreiros, *outdoors*, cartazes etc., registros que, em um contexto urbano multilíngue, podem identificar a presença de grupos variados. De acordo com Blommaert (2010, 2012), as paisagens linguísticas são como uma linha de diagnóstico sociolinguístico de um contexto, para mostrar, por exemplo, se determinado território é monolíngue ou multilíngue.

As informações visuais estão ligadas às práticas comunicativas concretas que, em um contexto como o de imigração, refletem as características de um fluxo de pessoas e os seus recursos linguísticos. A mobilidade de pessoas envolve, pois, “a mobilidade de recursos linguísticos e sociolinguísticos, que padrões ‘sedentários’ ou ‘territorializados’ de uso da linguagem são complementados por formas translocais ou ‘desterritorializadas’ de uso da língua” (BLOMMAERT, 2010, p. 4-5). A Figura 2 mostra um cartaz na entrada de uma loja de produtos alimentícios bolivianos.

Figura 2 - Cartaz de uma loja de produtos alimentícios bolivianos



Foto: SILVA (2017).

O nome do estabelecimento, Lljatymanta, é uma expressão em quéchua que significa “da minha terra”, o que faz jus aos itens alimentícios encontrados ali, todos importados da Bolívia. O intuito da loja é alcançar os membros da comunidade boliviana residentes em São Paulo que buscam ter à mão os itens da sua culinária. Assim, Cereales Lljatymanta (a junção de um termo do espanhol e outro do quéchua) significa: – cereais da minha terra –. O que corrobora a sua ligação com a sua ligação terra de origem.

Assim, alguns dos itens encontrados naquele estabelecimento mostram o fluxo boliviano tanto linguístico como cultural presente nesse território: *chuño* é um termo usado tanto no aimará quanto no quéchua (*ch'uñu*), referente a uma espécie de batata processada que passou por desidratação; *tunta*, uma espécie de *chuño* branco que passa por sucessivos congelamentos; *ají*, termo em espanhol para “pimenta”; *locoto*, um tipo de pimenta picante, comum na região dos Andes; *choclo*, *lenteja* e *aba*, ou milho, lentilha e fava, respectivamente; *sultana*, a casca

do grão do café; *api*, bebida típica do Altiplano boliviano, consumida principalmente nos departamentos de La Paz, Oruro, Potosí e Cochabamba, feita de grãos de milho roxo moídos; Inca Kola, um refrigerante originário do Peru, mas bastante comum na Bolívia; Cerveza Paceña, uma das cervejas mais comuns na Bolívia, em que o termo *paceña* indica algo originário da cidade de La Paz; Maltín, bebida boliviana de malta, mas sem álcool. Por fim, a parte improvisada do cartaz informa em espanhol “hay pan”, ou “temos pão”, referindo-se aos pães bolivianos vendidos ali. Os participantes deste estudo afirmam ir a estabelecimentos como esse para comprar tais produtos.

Os territórios bolivianos em São Paulo, além de mostrar a sua cultura e os usos das línguas de origem que permanecem presentes no contexto de imigração, chama a atenção para a prestação de serviços por imigrantes bolivianos para imigrantes bolivianos, o que tende a fechar um círculo entre eles e a fazer prevalecer os seus valores culturais e usos linguísticos. Neste sentido, há uma procura de ambos os lados, tanto dos profissionais liberais, como médicos e dentistas, quanto dos clientes, uma vez que estes últimos partem em busca de atendimento de saúde por parte dos seus compatriotas. Há uma série de anúncios escritos em espanhol, destinado a esse contingente específico, estima-se que a língua usada nesses consultórios médicos seja a mesma, pois está tudo ligado ao mesmo fluxo linguístico.

Destacamos apenas algumas das paisagens ou fotografias sociolinguísticas presentes nos territórios bolivianos em São Paulo, mas, na realidade, há uma infinidade delas, as quais continuam a surgir na capital paulista com o aumento da população boliviana. Companhias aéreas e de transportes terrestres afirmam “unir bolivianos”, e outras empresas prestadoras de serviços, tais como autoescolas, agências de emprego no ramo de confecção, agências de viagens, joalherias, óticas etc., usam o espanhol para indicar que estão a serviço desse público específico.

De um modo geral, foi possível constatar que há prestação de serviços nos mais diferenciados segmentos, voltados especificamente para a comunidade boliviana. Essa tendência gera certo fechamento dos imigrantes, na maior parte do

tempo, nos territórios bolivianos, especialmente aqueles que trabalham no ramo de costura. Estes passam a maior parte da semana dentro de oficinas, ao lado dos seus pares, e, nos fins de semana, nos seus momentos de compras e ócio, acabam por compartilhar o tempo livre com os próprios compatriotas; em termos sociolinguísticos, isso está ligado aos usos e à manutenção das línguas, sobretudo o espanhol, o aimará e o quéchua.

A criação de instituições culturais bolivianas é um meio de procurar promover eventos voltados à manutenção da cultura dos imigrantes daquela nacionalidade. Nesse sentido, a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana “Padre Bento” e a Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB), são responsáveis por organizar os grupos que se apresentam nas festas pátrias e devocionais realizadas todos os anos, no mês de agosto (SILVA, S., 2012). O objetivo é organizar manifestações culturais da comunidade em ambientes exteriores a ela, sobretudo o evento realizado no Memorial da América Latina, localizado na Barra Funda, onde também é sediada uma celebração à independência da Bolívia. Os promotores da festa do Memorial da América Latina são o Consulado Geral da Bolívia e a ACFBB.

Os bolivianos estão mobilizados em veicular uma imagem de si mesmos no contexto de imigração, e as suas manifestações culturais, em especial aquela realizada no dia da Independência da Bolívia, no Memorial da América Latina, passou a ser o lócus de uma construção identitária como positividade (SILVA, S., 2012). A Figura 3 mostra parte da apresentação de um grupo tradicional boliviano, em que um dos componentes leva com orgulho a bandeira multicolorida, chamada de Whipala, que se assemelha a um tabuleiro de xadrez em sete cores: branco, laranja, amarelo, vermelho, azul, verde e violeta. A bandeira foi consagrada em 2009 como um símbolo nacional, que representa o Estado Plurinacional da Bolívia. Segundo Gamboa Núñez (2012), a Whipala é uma bandeira com sete cores repartidas em 49 quadrados. Etimologicamente, a palavra é formada pelos termos *wiphay*, que em aimará significa “voz de triunfo”, e *laphaqi*, que se refere a fluir um objeto flexível ao vento. A Whipala é um símbolo andino que representa a

igualdade e a harmonia. Cada uma das suas cores tem um significado distinto: o vermelho representa a Mãe Terra, Pachamama; o laranja, a sociedade e a cultura; o amarelo, a energia e a força; o branco, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a arte e o trabalho intelectual; o verde, a economia e a produção andina; o azul, o espaço cósmico e o infinito; o violeta, a política e a ideologia andina (GAMBOA NÚÑEZ, 2012).

Figura 3 - Boliviano carrega a Whipala na Festa de Independência da Bolívia



Foto: SILVA (2017).

A festa, realizada no primeiro fim de semana de agosto, também homenageia Nossa Senhora de Copacabana, padroeira da Bolívia. Uma segunda celebração, realizada no segundo fim de semana do mesmo mês, homenageia Nossa Senhora de Urkupiña, padroeira de Cochabamba. A primeira reúne um número maior de pacenhos, muitos deles donos de oficinas de costura. A segunda, por sua vez, reúne os cochabambinos, em geral, profissionais liberais e pequenos empresários (SILVA, S., 2012).

De acordo com a percepção de Sidney Silva (2012), a festa de celebração da Independência da Bolívia ganhou abrangência de tal modo a abrir canais de

interlocução com contextos mais amplos, isto é, ganhou notoriedade na cidade. Segundo o autor, a cada ano a festa vem se tornando mais grandiosa porque “está em jogo a construção de uma imagem de um grupo que quer mostrar o melhor da sua diversidade cultural para os paulistanos verem, degustarem e se divertirem” (SILVA, S., 2012, p. 28).

6. OS USOS DAS LÍNGUAS DE ORIGEM

No que tange aos usos linguísticos, procura-se destacar as situações em que o português, o espanhol, o aimará e o quéchua são usados pelos membros do grupo analisado e, assim, compreender como eles se relacionam com suas línguas e, conseqüentemente, com os contextos pelos quais transitam. Para tanto, o estudo se reporta às colocações dos participantes durante as entrevistas, nas respostas aos questionários, nas observações do contexto e em outros momentos de interação entre os participantes e os pesquisadores.

Guido, participante deste estudo, de 48 anos, está no Brasil há três e é eletricitista desde quando residia na Bolívia. Em seu dia a dia usa mais o português, visto que trabalha em contato direto com a comunidade paulistana, mas adota também em seu cotidiano o uso das línguas espanhola e quéchua.

Uso mais português, mais convívio com brasileiros. [...] Por exemplo, agora encontrei um patrício estava falando em espanhol. [...] Quando você sai, encontra com brasileiros, fala em português. Tenho amigos bolivianos, vizinhos, com eles falo em quéchua. (Guido, 48 anos, eletricitista – Entrevista 59).

De acordo com o depoimento de Guido apresentado na sequência, há em seus usos linguísticos cotidianos a presença do quéchua, de modo que ele automaticamente alterna as línguas de acordo com seus interlocutores.

Quando eu *encuentro* quéchua, quando eu falo quéchua com compatriotas bolivianos, *del mismo lugar*, de Cochabamba, de Sucre ou de Potosí, gente que eu encontro, *hago* natural, a gente *no* quer esquecer essa língua. [...] Tem um que eu tenho que ele é de Cochabamba, vizinho, *habla en quéchua*. A cada duas semanas, então, encontro com Rodolfo ele também é de Potosí, outra cidade, fala também em quéchua, são essas duas pessoas que eu tenho mais contato. Mas tem outra pessoa, chama Angel, ele é de Cochabamba só que ele fala quéchua e aimará, então encontro com ele, a cada mês só, por questão de trabalho. (Guido, 48 anos, eletricista – Entrevista 59).

Outro participante destacado neste estudo é Juanjo, um imigrante de La Paz que já está no Brasil há vinte anos. Trabalha com a venda de comidas típicas bolivianas na feira da Praça Kantuta e dedica-se a tocar instrumentos e cantar músicas tradicionais de seu país. Juanjo usa em seu cotidiano três línguas diferentes: português, espanhol e aimará. Além disso, de acordo com o seu depoimento, ele tem certo conhecimento de uma quarta língua, o quéchua. No que diz respeito aos usos do português e do espanhol, Juanjo revela que, geralmente, leva em conta domínios específicos, conforme mostra o trecho a seguir:

Bueno, portugués ha sido con el tiempo, naturalmente, he demorado en aprender un poco porque en los lugares donde yo trabajaba poca gente hablaba, éramos bolivianos todos y la mayor parte de los bolivianos hablábamos en castellano, unos cinco, seis años he demorado para hablar portugués perfectamente. [...] [Portugués] lo utilizamos en la calle, puesto que en casa continuamos con nuestra lengua, naturalmente, la mía, ¿no? con mis hijos también, el español. (Juanjo, 46 anos, músico e comerciante – Entrevista 41).

Como mostra seu depoimento, Juanjo levou cerca de cinco a seis anos para aprender a falar português, pois, quando veio para o Brasil, ingressou no mercado de confecções onde havia apenas bolivianos. Desse modo, prevalecia o uso do espanhol e aimará em detrimento do português, pelo pouco contato que tinha com brasileiros. Atualmente, como tem o seu próprio negócio e está constantemente em contato com brasileiros, Juanjo tem mais oportunidades de usar o português no dia a dia. Em casa, entretanto, mantém-se o predomínio do espanhol. No que diz respeito ao uso das línguas aimará e quéchua, Juanjo declara o seguinte:

Además del castellano hablo la lengua madre, ¿no? El aimara, un poco de quéchuá, un 5 por ciento del quéchuá, pero nuestra lengua madre es el aimara, de mi región por lo menos, de los andes, hablo el aimara. [...] Cuando veo una persona que sabe hablar aimara, que me doy cuenta que sabe hablar aimara, yo le hablo en aimara. (Juanjo, 46 años, músico e comerciante – Entrevista 41).

A língua aimará, que para Juanjo é a sua *lengua madre*, é usada por ele com relativa frequência, como aos domingos, quando está na feira da Praça Kantuta. Dentro do seu repertório linguístico pode ser incluída também a língua quéchuá, que ele afirma conhecer embora não a use em seu cotidiano. Portanto, é possível dizer que o bilinguismo perfaz o cotidiano do participante.

Usos linguísticos semelhantes são expressos por Santiago, de 43 anos, proveniente de La Paz e trabalhador autônomo do ramo de confecção. Está no Brasil há dezoito anos.

Eu falo três línguas, eu falo tipo três línguas diariamente na minha casa, por exemplo, eu falo aimará normal com a minha mulher eu falo aimará, com conterrâneos, eu falo normal, agora castelhano, quando alguém fala que não entende, é pra se comunicar entre nós, e o português no dia a dia aqui na rua. (Santiago, 43 anos, dono de oficina de costura – Entrevista 30).

O dia a dia de Santiago é marcado pela alternância entre as línguas espanhola, português e aimará. De modo geral, o espanhol surge como uma espécie de língua franca para a comunicação com os conterrâneos, seja na Praça Kantuta, na igreja ou em encontros com amigos bolivianos. O aimará é usado para se comunicar com familiares, em especial com a sua esposa, e amigos mais próximos. O português, por sua vez, é usado nas demais interações com a vizinhança, a comunidade dominante em geral e os filhos.

O aimará, minha língua de nascimento, né? É a minha língua de origem, a língua de origem [...] a comunicação se for da minha comunhão, a gente fala com frequência, diariamente. [...] se alguém me encontrar aqui na rua, sabe *hablar* o aimará, sabe falar aimará, então conversa em aimará, se cumprimenta em aimará, conversa em aimará. Aqui na Kantuta são muitas pessoas. (Santiago, 43 anos, autônomo da área de costura – Entrevista 62).

O estudo dos usos linguísticos expressos pelos imigrantes bolivianos apresentados nesta seção mostra o quadro de multilinguismo que prevalece entre os membros desse grupo. Nesse contexto, o monolinguismo passa a ser uma exceção, uma vez que são monolíngues apenas os imigrantes recém-chegados que ainda não tiveram oportunidades de adquirir a língua portuguesa; esse monolinguismo é geralmente vinculado ao espanhol. Alguns participantes afirmam que há também monolinguismo em aimará ou em quéchua, com a migração de indivíduos oriundos de partes da Bolívia onde são faladas essas línguas. Há também casos em que as pessoas migram direto dessas regiões para o Brasil sem ter tido contato com a língua oficial da Bolívia, o espanhol.

[...] a gente vê jovens bolivianos que eles vêm com um aimará bem típico também, bem típico, é o meio de comunicação entre eles, nós conseguimos detectar inclusive, no caso boliviano, que eles se juntam por regiões, isso eu achei assim muito interessante, porque nós temos um grupo de pessoas que são bem nativas, bem autóctones mesmo e elas se juntam aqui na cidade de São Paulo, elas se formam dentro da região delas, que é no caso o pessoal que vem da cidade de Achacachi e Umapusa e no lado quéchua a gente tem um pessoal que vem de uma província de Cochabamba que são os tiraqueños e o número deles é tão expressivo [...]. (Elba, 50 anos, advogada – Entrevista 19).

[...] a região onde eu moro a maioria das famílias são do campo. Tem famílias que não falam espanhol, falam dialeto, dialeto não, outros idiomas de lá, né? Então esse pessoal, o choque cultural pra eles foi muito maior [...]. (Elena, 33 anos, dentista – Entrevista 25).

Como aqui existem também famílias que só falam quéchua ou só falam aimará. (Ramón, 55 anos, microempresário – Entrevista 51).

Apesar dos casos de monolinguismo nas línguas aimará e quéchua, assim como em espanhol, é importante salientar que o mais recorrente é o bilinguismo envolvendo espanhol e português, cabendo ao primeiro o uso nos domínios familiar e profissional, sobretudo quando se trata das oficinas de costura. O português é usado nas demais relações, como fazer compras, conversar com vizinhos, interagir

no trabalho ou nas ruas etc. Todavia, alguns participantes apresentaram um repertório linguístico envolvendo três línguas. Geralmente, parte dos imigrantes oriundos de regiões como Cochabamba e Potosí, usa em seu dia a dia o português, o espanhol e o quéchua. Por outro lado, há outros participantes que, além do espanhol e do português, usam o aimará. Em alguns casos, o aimará é a língua mais usada no ambiente familiar, o que mostra o seu vigor no contexto desse grupo de imigrantes bolivianos residentes em São Paulo.

[...] existem rádios na FM, na frequência FM de um pastor do [...] ele fala tudo em espanhol, mas tem um radialista o Pedro, que ele fala em aimará, [...] ele fala tudo em aimará. (Elba, 50 anos, advogada – Entrevista 19).

Assim, pode-se inferir que há um grupo expressivo de falantes de aimará entre os imigrantes bolivianos que moram em São Paulo, uma vez que a maioria dos imigrantes bolivianos é proveniente de La Paz, na região do Altiplano Andino, onde essa língua é usada por grande parte da população.

A maioria dos imigrantes usa o espanhol e o português no ambiente de trabalho. Isso ocorre porque alguns deles são comerciantes, donos de oficinas de costura, advogados, dentistas e atendentes, o que faz com que atendam tanto membros da comunidade boliviana quanto da sociedade abrangente. No caso dos donos de oficinas, é necessário o contato com lojistas brasileiros para as negociações tanto de encomendas quanto de entrega de material; tal contato ocorre em português mas, por outro lado, o espanhol e, em alguns casos, o aimará, são usados para a comunicação com os funcionários bolivianos. O uso do aimará ocorre nas oficinas compostas por bolivianos originários da região do Altiplano Andino, onde se situa La Paz; nesse contexto de imigração, os falantes dessa língua conseguem manter o seu uso uma vez que continuam trabalhando como pares. Há também aqueles que usam apenas espanhol no trabalho, pois trabalham nas oficinas como; costureiros para patrões e com colegas bolivianos.

A Praça Kantuta, por sua vez, é um contexto multilíngue que privilegia o uso do espanhol, uma vez que todos os participantes afirmaram usá-lo nesse cenário. O espanhol é também usado na locução da programação radiofônica e musical que é veiculada ali todos os domingos. Além do espanhol, os imigrantes procedentes de Potosí e Cochabamba relataram usar também o quéchua na Praça Kantuta para conversar com os amigos. A língua aimará também é bastante usada ali juntamente com o espanhol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a partir do que foi apresentado, podemos concluir que no âmbito de imigrantes bolivianos o uso predominante da língua espanhola vigora devido ao constante aumento da comunidade boliviana em São Paulo e o efetivo contato que eles mantêm entre si. De modo geral, os imigrantes têm conseguido manter o uso das línguas, sobretudo o espanhol, ao preservarem a cultura do uso da língua nos seus territórios. Nesse sentido, nos contextos bolivianos presentes na capital paulista, o espanhol constitui a língua dominante.

Com especial destaque para a Praça Kantuta, que se mostra como um contexto multilíngue que privilegia tanto o uso do espanhol como de outros elementos da cultura boliviana, como a gastronomia, as músicas, as danças, que complementam o cenário da Praça Kantuta como um espaço boliviano em São Paulo. No entanto, é preciso destacar que além do espanhol, esse cenário pluricultural se completa com os imigrantes procedentes de regiões como Oruro, Potosí e Cochabamba que usam o quéchua na Praça Kantuta para interagir com os seus familiares e amigos.

A língua aimará, por sua vez, também é bastante usada ali, em virtude da quantidade de imigrantes procedentes do Altiplano Andino, cabendo assim, à língua espanhola a função de uma espécie de língua franca que promove a inteligibilidade entre os falantes das diferentes línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, Jan. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan; DONG, Jie. Language and movement in space. In: COUPLAND, Nikolas. *The handbook of language and globalization*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 366-385.

BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. *Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: a case study*. Tilburg, 2014. (Working Papers in Urban Language and Literacies, 133).

FELDMAN, Leonardo. La Asamblea Constituyente y los pueblos indígenas en Bolivia. In: MONTOYA ROJAS, Rodrigo (Coord.). *Voces de la tierra: reflexiones sobre movimientos políticos indígenas en Bolivia, Ecuador, México y Perú*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2008. p. 87-104.

GACETA OFICIAL DEL ESTADO PLURINACIONAL DE BOLIVIA.
Disponível em: <http://www.gacetaoficialdebolivia.gob.bo> Acessado em: 20/01/2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA. *Censos de Población y Viviendas*. 2011. Disponível em: http://www.ine.es/censos2011_datos/cen11_datos_inicio.htm

Acessado em: 12/01/2017.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 9., 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Anpur, 2001. p. 1769-1777. v. 3.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007.

LING, Chiou R. *Díaspóra e velhice dos imigrantes Hakka: a memória da alma*. São Paulo: Terceira Margem, 2011.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; DAL GALLO, Priscilla M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MARGOLIS, Maximine L. *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*. Tradução de Luzia A. de Araújo e Talia Bugel. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

MIRANDA, Tomás. Identidad y la lucha por la descolonización de los pueblos indígenas en Bolivia. In: MONTOYA ROJAS, Rodrigo (Coord.). *Voces de la tierra: reflexiones sobre movimientos políticos indígenas en Bolivia, Ecuador, México y Perú*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2008. p. 197-232.

MONTOYA ROJAS, Rodrigo (Coord.). *Voces de la tierra: reflexiones sobre movimientos políticos indígenas en Bolivia, Ecuador, México y Perú*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2008.

NACIONES UNIDAS. *Métodos de medición de la migración interna*. Nueva York, NY, 1972. (Manual VI).

PELA 1ª VEZ, bolivianos superam japoneses e italianos na capital. *O Estado de São Paulo*, 5 maio 2013. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,pela-1-vez-bolivianos-superam-japoneses-e-italianos-na-capital-imp-,1028530>>. Acesso em: 21 set. 2014.

PIMENTEL, Spensy. Nova Constituição boliviana refunda país como “Estado Plurinacional”. *Carta Maior*, Cochabamba, 2009. Disponível em: http://cartamaior.com.br/detalhelmprimir.cfm?conteudo_id=14777&flag_destaque_longo_curto=L. Acessado em: 13/12/2016.

ORTIZ, Renato. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RUIZ GARCÍA, Aída. *Migración oaxaqueña: una aproximación a la realidad*. Oaxaca: Gobierno del Estado de Oaxaca, 2002.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney A. *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SILVA, Sidney A. *Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2003.

SILVA, Sidney A. *Bolivianos: a presença da cultura andina*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo: dinâmica cultural e processos identitários. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp: Fapesp: CNPq: UNFPA, 2012. p. 19-34.

SILVA, Sidney S. Do Estado Plurinacional da Bolívia para o Brasil: um estudo da situação sociolinguística de um grupo de imigrantes bolivianos que vivem na região metropolitana de São Paulo. 322f. (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SOUCHAUD, Sylvain. A imigração boliviana em São Paulo. *HAL – Sciences de l’homme et de la société*, 27 jan. 2011. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00553018>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp: Fapesp: CNPq: UNFPA, 2012. p. 75-92.

TEODORO, Gi. Consulado Geral da Bolívia em São Paulo disponibiliza informe sobre atividades. *Bolívia Cultural*, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.boliviacultural.com.br/ver_noticias.php?id=2086>. Acesso em: 9 set. 2015.

XAVIER, Iara R. A inserção socioterritorial de migrantes bolivianos em São Paulo: uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Nepo/Unicamp: Fapesp: CNPq: UNFPA, 2012. p. 109-153.

Recebido em 09/01/2018.

Aceito em 25/02/2018.